

Discurso de agradecimento proferido por Bernardo Lins na Sessão Solene Anual da Academia Brasileira de Cerimonial e Protocolo – ABCP, com a homenagem “In Memoriam” ao Embaixador Augusto Estellita Lins, e a posse dos Acadêmicos Luiz Fernando Ribeiro Sotelo e Itapuan Bôtto Targino, em 26 de novembro de 2007.

Senhor Marcílio Reinaux, ilustre Presidente da **Academia Brasileira de Cerimonial e Protocolo**, autoridades presentes, demais membros da Academia, Senhoras e Senhores.

Quero desde já expressar, em nome de minha mãe, Maria Cecília e de meus irmãos, a mais profunda gratidão pela homenagem que esta Academia faz hoje a meu pai, Embaixador Augusto Estellita Lins.

Ele encontrou, nos últimos meses de vida, grande conforto na fé. E via em Cristo não apenas a imagem divina, mas também a do cerimonialista por excelência. Vou invocar essa faceta da figura do Senhor para lembrar Sua promessa de que, em cada reunião de seus seguidores, Ele ali se encontraria. E a pessoa de fé tem a percepção cristalina de Sua presença física na celebração da Ceia.

Mas há nessa assertiva, de certo modo, uma universalidade que constatamos em toda reunião. É a presença virtual, construída, daquele que faltou.

Meu pai, em sua ausência física, faz-se presente neste momento. Vejo em cada um de nós uma pequena fração da sua imagem. O caleidoscópio de recordações das suas palavras, de episódios da sua vida, de valores transmitidos por ele, publicamente ou em particular, reconstrói e renova sua pessoa.

Hoje é, pois, um dia de saudades. Desse sentimento tão nosso, tão brasileiro, que agrega um sabor agridoce à falta de alguém que se gosta. Estamos celebrando a ausência do Embaixador Augusto Estellita Lins como aqueles jovens de filme *nouvelle vague* que, imóveis na gare, viram a pessoa amada subir num trem com passagem só de ida, e sentam-se horas depois num café, a remoer sua falta.

A saudade nos faz lembrar atos e gestos com um misto de tristeza e de sorriso. Porém, algumas pessoas se vão e deixam um leve rastro de sua passagem. Meu pai não é assim. Ele marcou de modo contundente sua presença entre nós. Seja nos livros que deixou escritos, seja nos desenhos que espalhou mundo afora, seja nos valores que inculcou nos filhos, nos netos, nos amigos.

O lançamento de uma edição comemorativa do livro *Etiqueta, Protocolo e Cerimonial*, cuja primeira tiragem data de 1985, é um poderoso registro da elaboração criativa e da capacidade técnica de meu pai. Agradeço, Senhor Presidente, sua iniciativa em recuperar essa obra que, acredito, compõe a história recente do cerimonial brasileiro, e que ainda servirá de referência a alunos e estudiosos da disciplina. E que me traz, e este é o registro emocionado do filho, um pouco da presença paterna.

Espero que a leitura da obra estimule profissionais de outras áreas a se dedicar a essa especialidade, que é multidisciplinar em sua essência e profundamente social em sua prática. E que precisa ser exercitada de modo persistente aqui no Brasil.

Nosso país vem sendo marcado, nas últimas décadas, pelo desmonte dos valores tradicionais de hospitalidade e de cortesia, pela perda de referências culturais e familiares, pela dissolução do sentimento de brasilidade, pela radicalização do confronto entre grupos sociais.

A negociação entre esses grupos antagônicos tem servido, em muitos casos, apenas para a construção de acordos paroquiais ou de espaços de convivência precária.

Temos sido historicamente incapazes de promover distribuição de renda, de interiorizar os benefícios do progresso, de controlar as

migrações em grande escala rumo às periferias das cidades, aos garimpos e às áreas de atividade clandestina. E não logramos ainda edificar instituições que substituam os laços sociais que foram rompidos nesse complexo processo.

A etiqueta, o protocolo e o cerimonial não podem ser vistos, nesse contexto, como mero formalismo para orientar a encenação do poder e do prestígio ou para pontuar a distinção entre classes. Ao contrário, devem servir como interface para estabelecer regras de coexistência digna e construir os caminhos do aperfeiçoamento da cidadania.

Acredito que um desafio desta Academia seja lançar luz sobre essa dimensão social do cerimonial e estimular uma normatização que sirva aos mais diversos setores de uma sociedade cada vez mais complexa e conflituosa.

Por isso, Senhoras e Senhores, hoje é também dia de reflexão. Inclusive para mim. Após sete meses decorridos da morte de meu pai, consigo examinar com algum distanciamento a herança que ele deixou e que me serve de referência.

Herança que não é feita de bens materiais, em relação aos quais foi sempre desprendido. Mas dos valores da retidão, da dignidade e da busca de desafios. Meu pai era amigo no trato e generoso nas palavras e gestos. Ensinou-me a

ser modesto na apresentação pessoal e respeitoso em relação aos outros. Mas também a nunca abrir mão da ambição intelectual, do refinamento artístico e social, da perseverante busca pela excelência profissional e pessoal. E da crítica social.

Ele foi, nesse sentido, exemplo vivo de suas convicções. Soube, em inúmeras oportunidades, colocar o dever acima do querer. Procurou enfrentar as circunstâncias sem abrir mão de princípios, ainda que tivesse que pagar um preço por isso. Soube estudar e renovar-se. E soube, tal como seus ilustres colegas de Academia aqui reunidos, fazer-se professor e repassar a inúmeras pessoas o conhecimento adquirido ou construído.

Eu lamento não possuir o seu talento artístico, que em nossa família pulou uma geração e foi destinado aos netos. Minha sobrinha Verônica, exímia nos pincéis. Meu sobrinho Gabriel e meu filho Carlos Augusto, músicos dedicados. Minha filha Ana Cláudia nas letras. Mas creio que, embora tenha uma profissão inteiramente distinta, tecnológica, e esteja focado em metas diferentes, dele recebi uma formação cultural que me permite apreciar o que os outros fazem e compartilhar, com desprendimento e prazer, suas realizações.

Hoje, enfim, é dia de alegria. A cada reunião da Academia realiza-se o sonho do seu Presidente,

Marcílio Reinaux, do meu pai e de tantos outros companheiros na profissão de cerimonialista, de dispor de uma instituição que os represente, que possa dar substância aos nobres anseios de construir pontes entre pessoas, autoridades, povos.

Os acadêmicos que hoje tomam posse, Luiz Fernando Sotelo e Itapuan Targino, são desbravadores dessa trilha riscada na selva da nossa sociedade, feita das normas, das práticas e dos valores do cerimonial. Trilha cujo traçado ganha em complexidade nas nações ainda jovens, como é o nosso Brasil, herdeiro de uma complexa tradição recebida do colonizador europeu, dos povos africanos, dos nossos índios e dos imigrantes vindos de inúmeros países.

Espero que a memória de meu pai, Embaixador Augusto Estellita Lins, possa servir de referência nessa missão de enobrecer e dar feições definitivas ao cerimonial brasileiro, em todas as suas dimensões. Desde já, asseguro a todos que a Academia já enobreceu, aos olhos de minha mãe, Maria Cecília, de meus irmãos e de toda a família, a figura do pai, avô e marido Augusto.

Muito obrigado.